
Laura Bellini
Laranja Amarga, Doce Retorno
Ela não vai voltar para salvar a vida de outra pessoa

Laranja Amarga, Doce Retorno

Ela não vai voltar para salvar a vida de outra pessoa

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384901601

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - As condições do retorno 12
Capítulo 2 - O sabor das coisas não ditas 23
Capítulo 3 - Aquilo que não cabe em um frasco 35
Capítulo 4 - Tudo aquilo que não dissemos 46
Capítulo 5 - O direito de dizer não 58
Capítulo 6 - O sabor do primeiro beijo 68
Capítulo 7 - Entre o desejo e a promessa 79
Capítulo 8 - Onde não é preciso provar nada 91
Capítulo 9 - O preço de uma decisão 105
Capítulo 10 - Quando deixamos de fingir 115
Capítulo 11 - A intimidade também tem seus limites 125
Capítulo 12 - A verdade escondida no cronograma 136
Capítulo 13 - Nem tudo pode ser salvo 146
Capítulo 14 - A verdade que não pode ser adiada 157
Capítulo 15 - Tudo aquilo que ele não disse 166
Capítulo 16 - A distância de que precisamos 177
Capítulo 17 - Aquilo que me pertence 187
Capítulo 18 - Amor sem uma conta a pagar 197
Capítulo 19 - As coisas que permanecem 209
Capítulo 20 - O doce retorno 220

INTRO

Arranquei a primeira laranja da árvore antes de conseguir me lembrar de que já não tinha o direito de agir como se aquele lugar ainda fosse meu.

A casca estava fria, ligeiramente áspera e marcada por pequenos pontos escuros. Levei a fruta ao nariz, fechei os olhos e pressionei com a unha a região próxima ao cabinho. Liberou-se uma nota intensa e verde, seguida pelo amargor da parte branca da casca e por algo quase floral. Eu conhecia aquele aroma melhor do que o caminho que levava de Valência ao pomar. Durante sete anos, tentei reproduzi-lo em laboratórios de Varsóvia, Grasse e Barcelona. Sempre faltava um elemento.

Agora eu sabia qual.

O ar de um lugar onde não era preciso fingir que estava tudo bem.

— Está roubando laranjas ou coletando material para pesquisa?

A voz veio de trás do meu ombro direito. Grave, tranquila, com aquele mesmo tom irritante de diversão de que eu me lembrava dos tempos em que ele ainda conseguia me desarmar com uma única frase.

Não me virei imediatamente.

Durante sete anos, imaginei meu reencontro com Lucjan Borek de pelo menos vinte maneiras diferentes. Na maioria delas, eu estava impecável, dizia alguma coisa certeira e ia embora antes que ele pudesse responder. Em nenhuma usava uma camisa de linho empoeirada, tinha o cabelo preso

com um elástico encontrado no aeroporto ou segurava uma laranja na mão.

— Depende. Você pretende emitir uma nota fiscal? — respondi.

— Pela fruta ou pelas lembranças?

Só então me virei.

Ele estava a alguns metros de mim, debaixo de uma árvore cujos galhos se curvavam sob o peso das frutas maduras. Tinha trinta e nove anos, os cabelos escuros mais curtos do que antes e uma barba de alguns dias. A camisa branca, com as mangas dobradas, parecia elegante demais para trabalhar em um pomar, embora ele já tivesse sujado um dos punhos de terra. Não se parecia com o homem da última fotografia que eu havia visto por acaso na internet. Parecia mais cansado. E definitivamente mais real.

O pior, porém, era perceber que ele ainda sabia como olhar para mim.

Não como um homem que não via uma mulher havia sete anos. Mas como alguém que a tivesse visto sair por um instante para outro cômodo e agora a recebesse de volta, embora a conversa entre os dois ainda não tivesse terminado.

— Pelas lembranças, já paguei caro o suficiente — respondi.

O sorriso desapareceu do rosto dele.

Por alguns instantes, ouvimos apenas os insetos e o ruído distante dos carros na estrada que passava além da colina. O sol estava baixo, espalhando uma luz cor de mel entre as fileiras de árvores. Valência ficava em algum lugar atrás de nós, com seus restaurantes, hotéis e pessoas que não

faziam ideia de que, trinta quilômetros adiante, ainda era possível perder o chão por causa de um único olhar.

— Jowita — disse ele, finalmente. — Eu não sabia que você chegaria hoje.

— Acho que essa é a única coisa que ninguém contou a você.

Ele percebeu a mala ao lado do caminho de cascalho. Depois olhou para minha bolsa de amostras e para o estojo metálico em que eu transportava as fitas olfativas, as pipetas e os frascos hermeticamente fechados.

— Você veio trabalhar.

— Vim verificar se a matéria-prima serve para o projeto. Não é a mesma coisa.

— Para mim, parece bastante parecido.

— É exatamente por isso que não fazemos negócios juntos há anos.

Ele não respondeu de imediato. Em vez disso, aproximou-se da árvore vizinha e afastou um galho que bloqueava a passagem estreita. Aquele gesto despertou em mim algo mais desconfortável do que a visão do rosto dele. Lucjan sempre percebia coisas nas quais outras pessoas nem pensavam. A tampa mal fechada de uma garrafa. Uma pedrinha dentro do sapato. O momento exato em que o silêncio deixava de ser descanso e começava a parecer solidão.

Houve um tempo em que eu considerava aquela atenção a forma mais bonita de amor.

Depois descobri que era possível compreender as necessidades de alguém e, ainda assim, escolher as próprias.

Eu havia chegado a Valência com um plano concreto. Três semanas para desenvolver uma composição olfativa preliminar para a marca da família Borek, assinar um contrato de licenciamento e voltar a Varsóvia, onde me esperava um imóvel alugado para meu primeiro ateliê. Na sexta-feira, eu deveria pagar o sinal dos equipamentos. Dentro de um mês, pretendia inaugurar um espaço de criação no qual ninguém pudesse dizer que eu devia minha posição ao sobrenome certo ou ao homem certo.

Passei doze anos trabalhando para que meu nome bastasse.

E, no entanto, lá estava eu no pomar de Lucjan, com uma fruta na mão e lembranças que não tinham a menor intenção de obedecer ao meu cronograma.

— Minha mãe disse que você aceitou o trabalho — comentou ele.

— Aceitei a possibilidade de conversarmos. O projeto vai depender das condições.

— Você ainda coloca tudo nos contratos?

— Isso ajuda a distinguir uma promessa de um compromisso.

Ele aceitou a resposta sem protestar, mas percebi seus dedos se fechando com mais força ao redor do galho. Uma imagem antiga surgiu na minha memória: as mãos dele apoiadas na bancada da cozinha do apartamento que alugávamos. Naquela ocasião, ele também havia permanecido em silêncio. Eu dizia que tinha recebido uma proposta de trabalho em Grasse. Ele explicava por que não podia abandonar o pomar. Nós dois tínhamos razão e, mesmo assim, os dois perdemos algo que nunca conseguimos recuperar.

— Gostaria que você conhecesse o antigo prédio de processamento — disse ele agora. — Antes de tomar uma decisão.

— Para quê?

— É lá que pretendemos montar o laboratório de fragrâncias. Podemos aproveitar parte dos equipamentos antigos.

Aquilo me surpreendeu. Nos documentos enviados pela mãe dele, havia a descrição de uma linha de produtos baseada em aromas naturais, a história do pomar e o planejamento de uma pequena coleção de perfumes para ambientes. Não havia nenhuma menção à instalação de um laboratório no próprio local.

— Isso não estava no briefing.

— Eu sei.

— Por quê?

Por um momento, ele observou as laranjas acima da minha cabeça.

— Ainda não conseguimos definir tudo.

Eu detestava aquele tipo de resposta. Especialmente quando vinha dele.

— Lucjan, se vocês esperam que eu desenvolva uma fórmula, posso fazer isso. Mas, se querem que eu organize a produção, precisamos conversar sobre outro escopo de trabalho e outro orçamento.

— Primeiro, quero mostrar o lugar a você.

Ele falou suavemente, sem tentar me pressionar. Ainda assim, aquilo soou familiar demais. Antigamente, também começava com pequenos pedidos, até que se revelava o

peso de todas as obrigações familiares escondidas por trás de cada um deles.

Guardei a laranja na bolsa. Eu poderia recusar e voltar ao hotel, mas tinha viajado justamente para isso: avaliar o que seria possível criar a partir daquele lugar sem entregar novamente minha própria vida a ele.

— Você vai me mostrar a unidade de processamento amanhã, às nove — decidi. — Hoje preciso coletar as amostras e descansar.

Ele assentiu.

— Tudo bem. Quer que eu leve você até a cidade?

— Estou com um carro alugado.

— Então, pelo menos, deixe-me ajudar com a mala.

— Eu consigo sozinha.

Ele recolheu a mão que havia estendido. Sem suspirar, sem lançar um olhar ofendido. Aquela pequena mudança me desconcertou mais do que qualquer discussão. Antes, Lucjan não compreendia por que eu recusava ajuda quando havia tantas coisas que poderíamos fazer juntos. Na época, eu não conseguia explicar que, às vezes, simplesmente queria ter certeza de que era capaz de fazer alguma coisa por conta própria.

Comecei a caminhar pela trilha em direção ao estacionamento. Depois de alguns passos, parei diante de uma caixa de madeira cheia de frutas rejeitadas durante a seleção. A maioria apresentava pequenas manchas na casca. Uma delas estava rachada, deixando à mostra a polpa brilhante sob a luz da tarde.

— Vocês ainda não jogam essas fora? — perguntei.

— Nem todas. Algumas viram geleia. O restante vai para a compostagem.

Peguei a fruta rachada e examinei sua casca.

— Muitas vezes, são justamente as que não podem ser vendidas que têm o aroma mais interessante.

— Eu sei. Foi você quem me ensinou isso.

Olhei para ele. Lucjan havia dito aquilo sem o menor traço de ironia, como se sete anos não tivessem tirado de nós o direito de lembrar também das coisas boas.

Foi então que percebi a caminhonete de entregas estacionada do outro lado da cerca. Na porta havia o logotipo de uma transportadora e, ao lado, alguém tinha colado uma folha com a palavra "DEVOLUCIÓN" escrita em vermelho. Devolução. Perto das caixas, alguns documentos estavam protegidos do vento por uma pedra. Lucjan acompanhou a direção do meu olhar e fechou o portão, bloqueando minha visão.

— Problemas com a entrega? — perguntei.

— Essas coisas acontecem.

— Nessa escala de produção?

— Jowita, você realmente não precisa se envolver com isso.

Ele tinha razão. Eu não precisava.

Mesmo assim, ouvi em sua voz algo de que não me lembrava dos tempos antigos. Incerteza. O homem que sempre sabia como salvar mais uma safra aparentemente não tinha uma resposta pronta daquela vez.

Tirei as chaves do carro da bolsa. Fiquei girando-as entre os dedos por alguns instantes, tentando compreender por

que, de repente, sentia tanta vontade de perguntar se estava tudo bem com ele.

Em vez disso, falei:

— Amanhã, às nove. E prepare todas as informações necessárias para nossa conversa. Não apenas aquelas que ficam bonitas em uma apresentação.

— Vou preparar.

Eu já estava prestes a ir embora quando ele voltou a falar.

— Jowita?

Virei a cabeça.

— Estou feliz que você tenha voltado.

Mais tarde, permaneci durante alguns minutos dentro do carro estacionado, sem ligar o motor. Sobre meu colo estava a laranja que eu havia arrancado da árvore assim que cheguei. A casca deixara em meus dedos um aroma fresco, amargo e insuportavelmente familiar.

Eu sabia como transformar aquele aroma em um perfume. Também sabia como assinar um contrato, estabelecer limites e voltar a Varsóvia conforme o planejado.

O que eu não sabia era por que uma frase tão simples de Lucjan tinha me feito sentir saudade não daquele lugar, mas da mulher que eu havia sido ao lado dele, antes de começar a temer que, ao amá-lo, deixaria de ser eu mesma.

Será que, dessa vez, eu conseguiria permitir que ele se aproximasse de mim sem lhe entregar, junto com meu coração, o controle da minha própria vida?

Capítulo 1 - As condições do retorno

Na manhã seguinte, cheguei ao pomar vinte minutos antes do horário combinado. Não porque quisesse ver Lucjan mais cedo. Simplesmente porque, ao trabalhar com fragrâncias, a manhã era o período mais honesto do dia. Antes que o sol aquecesse a terra e o ar se enchesse de poeira, era possível distinguir nuances que mais tarde desapareciam sob o peso do calor. Estacionei junto a um muro baixo de pedra e abri o porta-malas. O estojo metálico com as amostras estava ao lado da bolsa do notebook. Tudo havia sido preparado, organizado e identificado. A ordem era uma das poucas coisas com as quais eu sempre podia contar.

Na tela do celular, havia uma mensagem de Marta, minha parceira nos preparativos para a abertura do ateliê em Varsóvia. Na verdade, ainda não éramos sócias oficialmente. Ela tinha experiência na administração de pequenas marcas; eu tinha as fórmulas e um nome reconhecido no setor. Juntas, pretendíamos criar um espaço de produção de fragrâncias que não fossem moldadas pelas expectativas dos outros.

"O proprietário do imóvel antecipou para sexta-feira o prazo de confirmação da reserva. Continua tudo certo?"

Respondi: "Sim. Volto conforme o planejado".

Fiquei alguns instantes olhando para as palavras que havia enviado. Três semanas. Era exatamente esse o tempo que pretendia dedicar à marca da família Borek. Independentemente de como Lucjan ficasse à luz da manhã ou de ainda se lembrar de que eu detestava café adoçado com açúcar.

— Você chegou mais cedo.

Ele estava junto à entrada da antiga unidade de processamento, segurando dois copos descartáveis. Vestia uma camisa azul-marinho, calças escuras e sapatos que não fazia questão de poupar dos caminhos pedregosos. Em comparação com a noite anterior, parecia mais descansado, mas a linha fina entre suas sobrancelhas revelava o contrário.

— Gosto de saber o que vou encontrar antes que todo mundo comece a me explicar o que eu deveria enxergar.

— Algumas pessoas chamariam isso de desconfiança.

— Outras chamariam a pontualidade de demonstração de respeito.

Ele me entregou um copo.

— Preto. Sem açúcar.

Aceitei o café antes que pudesse decidir se deveria.

— Você se lembra.

— Não esqueci tudo.

Não respondi. Tomei um gole com cuidado, deixando que o amargor do café desviasse minha atenção da maneira como ele havia pronunciado a última frase. Lucjan abriu a pesada porta de madeira e me deixou entrar primeiro.

Lá dentro, havia um cheiro de pedra fria, madeira antiga e cascas de frutas cítricas cujo aroma havia impregnado as paredes ao longo dos anos. A luz entrava pelas janelas altas, revelando fileiras de equipamentos fora de uso. Mesas de aço estavam dispostas junto a uma parede; na outra, havia estantes de madeira com garrafas vazias. O prédio tinha potencial, embora exigisse muito mais trabalho do que sugeria a apresentação enviada pela mãe de Lucjan.

— Antigamente, fazíamos geleias e xaropes aqui — explicou. — Depois transferimos a produção para uma instalação nova, perto do depósito. Este prédio ficou sem uso.

— E agora você quer transformá-lo em um laboratório?

— Em um ateliê de fragrâncias. Não precisamos de um laboratório industrial.

Coloquei o estojo sobre a mesa e examinei a instalação elétrica.

— Vocês precisam de ventilação adequada, controle de temperatura, espaço para armazenar matérias-primas e uma bancada separada para os testes. Não é uma questão de nome.

— Foi por isso que eu quis que você viesse.

— Para eu dizer quantas coisas precisam ser modificadas?

— Para você me dizer como fazer tudo direito.

Não havia condescendência em sua voz. Isso tornava a conversa mais difícil, porque eu havia me preparado para defender minha competência, não para vê-la reconhecida sem nenhuma ressalva.

Tirei meu caderno e comecei a registrar as observações. Lucjan não me interrompeu. Foi até a janela, levantou uma das persianas e abriu uma das folhas, permitindo a entrada de ar fresco. Junto com ele, veio o cheiro de folhas úmidas e terra começando a aquecer. Por um instante, o ambiente me pareceu menos uma instalação industrial e mais um lugar onde alguém poderia começar tudo de novo.

— Quero criar o aroma do pomar — falei. — Não o aroma de uma laranja. Existe uma diferença fundamental.

— Explique.

Apoiei as mãos sobre a mesa.

— Nos perfumes, a laranja geralmente representa algo simples. Frescor, doçura, férias. O cliente sente o cheiro e imediatamente sabe o que deveria experimentar. Mas este pomar tem outro aroma. Há o amargor das folhas, a poeira dos caminhos, a madeira das caixas e o frescor da antiga unidade de processamento. Quero que a composição tenha a personalidade de um lugar que não possa ser confundido com nenhum outro.

— Mesmo que não agrade a todo mundo?

— Principalmente nesse caso.

Lucjan esboçou um sorriso.

— Isso parece muito com você.

— Espero que esteja falando das minhas competências.

— Da coragem de não fingir ser alguém mais conveniente.

Por um momento, não soube o que responder. Anos antes, aquele mesmo homem havia me acusado de teimosia quando me recusei a subordinar meus planos às necessidades de sua família. Agora falava daquela característica com admiração. Eu não sabia se ele realmente havia mudado ou se apenas aprendera a escolher as palavras certas.

— Vamos falar de coisas concretas — propus. — Preciso de informações completas sobre o orçamento, o cronograma e a produção. Há lacunas nos documentos.

Lucjan apontou para um pequeno escritório atrás de uma porta de vidro. Sobre a mesa havia pastas, amostras de embalagens e um painel com o nome da marca da família.

Sentei-me diante dele, abri o notebook e apresentei a proposta preliminar de colaboração.

— Três semanas para desenvolver o conceito olfativo. Depois, seis semanas para os testes de estabilidade, a documentação e o aperfeiçoamento da fórmula junto ao laboratório responsável pela produção. Posso realizar minha parte dessa etapa em Varsóvia. A licença da composição ficará limitada aos produtos acordados.

— E se quisermos ampliar a linha?

— Negociamos um aditivo contratual.

— E se a fórmula acabar se tornando a base de toda a marca?

— Nesse caso, temos ainda mais motivos para negociar um aditivo.

Ele se recostou na cadeira.

— Gostaria que você estivesse aqui durante a implementação.

— Não há necessidade.

— Na minha opinião, há.

— Sua opinião não muda minha agenda.

Lucjan se inclinou sobre os documentos.

— Não se trata apenas da tecnologia. Quero que a pessoa responsável pela criação da fragrância compreenda o lugar e as pessoas que trabalham aqui.

— É por isso que vim. Mas não preciso morar em Valência para compreender o pomar.

— Três semanas é pouco tempo.

— É tempo suficiente para desenvolver o conceito.

Por alguns instantes, ficamos nos encarando por cima da mesa. Sete anos antes, nossas conversas terminavam de maneira semelhante. Ele enxergava o conjunto das obrigações; eu enxergava os limites, cuja transgressão tinha seu próprio preço. Com frequência excessiva, um de nós acreditava que o outro simplesmente deveria compreender.

— Não quero assinar um contrato que descarte antecipadamente a possibilidade de você estar aqui depois — disse ele, por fim.

— E eu não vou assinar um contrato que lhe dê o direito de esperar minha presença indefinidamente.

— Toda proposta minha precisa soar como uma armadilha para você?

Fechei o notebook, embora ainda não tivéssemos terminado.

— Nem todas. Apenas aquelas que partem do princípio de que minha vida pode ser reorganizada de acordo com suas necessidades.

O silêncio se instalou entre nós. Do lado de fora, chegaram o som do motor de um trator e as vozes dos trabalhadores que começavam o expediente. Lucjan baixou os olhos para uma folha de papel e lentamente deixou a caneta sobre a mesa.

— Você tem razão. Eu deveria ter perguntado sobre seus planos — disse. — Em vez de presumir que ficaria se o projeto fosse interessante o suficiente.

Eu não esperava aquilo. A resposta que havia preparado perdeu o sentido.

— Estou abrindo meu próprio ateliê em Varsóvia — expliquei. — Daqui a algumas semanas. Tudo já está em

andamento. Não posso suspender o projeto só porque outra pessoa prefere um prazo diferente.

— Sei que você sonhava com isso.

— Antes eu sonhava. Agora estou realizando.

Ele me observou por alguns instantes e assentiu.

— Nesse caso, parabéns.

A palavra simples soou surpreendentemente sincera. Tive vontade de contar sobre o imóvel que havia encontrado em Powiśle, sobre as janelas amplas e as antigas portas de madeira que Marta fazia questão de preservar. Em vez disso, voltei a abrir o notebook.

— Podemos chegar a uma solução razoável. Hoje definimos o escopo. Amanhã, envio uma proposta de cronograma. Se você aceitar as condições, começamos.

— Tenho uma condição.

Senti a resistência familiar surgir dentro de mim.

— Estou ouvindo.

— Antes de escolher a direção da fragrância, quero mostrar todas as partes do pomar. Não apenas aquelas de que você se lembra. Mudou muito mais do que se pode perceber da estrada.

— Podemos fazer isso em dois dias.

— Precisamos de pelo menos quatro. Alguns lugares têm aromas diferentes pela manhã e à noite. Foi você mesma quem me ensinou isso.

Eu não podia contestar o argumento sem contradizer meu próprio método de trabalho.

— Quatro dias de observação — concordei. — Mas dentro das três semanas. E sem transformar esses passeios em convites para conversar sobre nosso passado.

— Não estava planejando isso.

— Ótimo.

— Embora seja difícil fingir que não nos conhecemos.

Levantei os olhos.

— Não pedi que fingíssemos.

Ele sorriu, dessa vez de maneira mais evidente.

— Ainda bem. Você nunca foi particularmente convincente quando tentava fazer isso.

Não lhe dei a satisfação de uma resposta. Voltei aos documentos, mas, daquele momento em diante, percebia cada movimento de sua cadeira e o ruído suave do papel sob sua mão. Havia algo insuportavelmente íntimo naquilo. Nossa antiga proximidade não precisava de contato físico para lembrar que ainda existia.

Uma hora depois, fomos até o depósito, onde eram armazenados os concentrados e óleos essenciais anteriormente utilizados na produção de xaropes. Lucjan me mostrou amostras de diferentes safras. A maioria era adequada, mas previsível. Somente em um pequeno frasco com um rótulo escrito à mão encontrei a nota que procurava.

— O que é isto?

— Um destilado de folhas e brotos jovens. Fizemos um pequeno lote experimental.

Abri o frasco. O aroma era verde, adstringente, quase apimentado. Por baixo, escondia-se uma doçura delicada,

como a promessa de uma fruta que ainda não havia amadurecido.

— Quem teve essa ideia?

— Minha mãe. Ela disse que, já que não conseguimos vender todas as frutas, deveríamos aprender a aproveitar também aquilo que até agora descartávamos.

Pensei nas caixas que haviam ficado perto da caminhonete de entregas no dia anterior.

— Quanto vocês conseguem produzir disso?

— Por enquanto, muito pouco.

— E no futuro?

— Depende de encontrarmos uma aplicação para o produto.

Observei-o com mais atenção. Ele falava tranquilamente, mas não havia respondido à pergunta sobre a capacidade real de produção.

— Preciso de dados, não de esperanças.

— Você vai recebê-los.

— Todos?

— Todos os que estiverem relacionados ao projeto.

Percebi imediatamente aquela última ressalva. No entanto, não pretendia iniciar uma investigação sobre as finanças da família dele. Meu trabalho era desenvolver uma fragrância, não salvar uma empresa.

Saímos para o lado de fora, onde o sol já havia aquecido as paredes de pedra. Lucjan parou junto aos degraus que levavam à parte mais baixa do pomar. Apontou para um grupo de árvores que cresciam sobre uma pequena elevação.

— Começaremos ali amanhã. É a parte mais antiga da propriedade.

— Eu me lembro.

— Eu sei. Mas gostaria que você a visse como está agora.

Quando ele se virou para mim, estávamos mais próximos um do outro do que a conversa exigia. Senti o cheiro familiar de sua pele, do sabonete e de alguma nota amadeirada. Era diferente do aroma de que eu me lembrava e, ainda assim, despertou a mesma vontade de me apoiar nele por um instante e parar de vigiar cada palavra que dizia.

Dei um passo para trás.

— Amanhã, às sete — falei. — Vamos coletar as melhores amostras antes do calor.

— Estarei esperando.

— Lucjan?

— Sim?

— O fato de conseguirmos trabalhar juntos não significa que podemos voltar ao que existia antes.

Seu rosto ficou sério.

— Eu sei.

— Quero ter certeza disso.

— Jowita, não convidei você para cá para reconstruirmos nossa antiga vida.

Eu deveria ter sentido alívio. Em vez disso, alguma coisa dentro de mim se contraiu dolorosamente.

— Ótimo — respondi.

Comecei a caminhar em direção ao carro, mas, ao chegar ao portão, olhei para trás mais uma vez. Lucjan permanecia

onde eu o havia deixado, com as mãos nos bolsos. Não tentou me impedir de partir.

Somente depois de entrar na estrada compreendi que a parte mais perturbadora de nossa conversa não tinha sido o desejo dele de que eu permanecesse por mais tempo.

Era o fato de que, por um breve instante, eu mesma havia desejado descobrir como seria a vida que um dia nós dois havíamos negado um ao outro.

Capítulo 2 - O sabor das coisas não ditas

No dia seguinte, o pomar me recebeu com um frescor que eu não esperava encontrar em Valência. Às sete da manhã, a luz ainda começava a atravessar as copas das árvores, e a terra conservava a umidade da noite. Eu havia chegado preparada para passar algumas horas coletando amostras e examinando detalhadamente a parte mais antiga da propriedade. A única coisa que não previra era que Lucjan levaria minhas exigências profissionais tão a sério.

Ele me esperava junto ao portão com dois pares de luvas, saquinhos de tecido e uma garrafa térmica.

— Café — explicou. — Caso você ache que estou tentando comprar sua boa vontade outra vez.

— Depende da qualidade do café.

— Fui eu que preparei. Portanto, o risco é considerável.

Sorri antes que pudesse me conter. Lucjan percebeu, mas, felizmente, não comentou. Entregou-me as luvas e seguimos por um caminho estreito entre as árvores. O silêncio da manhã não era absoluto. Ouvíamos os pássaros, o ruído distante da estrada e os pequenos estalos dos galhos movimentados pelo vento. A cada poucos passos, eu parava para esfregar folhas entre os dedos ou examinar a casca de alguma fruta.

Trabalhar com ele estava sendo surpreendentemente agradável. Não tentava adivinhar o que eu precisava nem explicar minha própria profissão para mim. Quando perguntava o nome de uma variedade ou a história de determinado trecho do pomar, respondia de maneira

objetiva. Quando eu permanecia em silêncio, deixava-me pensar.

Na metade do caminho, chegamos a um muro baixo, além do qual as árvores cresciam de maneira menos regular. Entre elas apareciam antigos canais de irrigação feitos de pedra, parcialmente cobertos de musgo.

— Foi aqui que meu avô começou — disse Lucjan. — Naquela época, toda a parte baixa da propriedade ainda não existia.

Agachei-me junto a um dos canais. A pedra cheirava a umidade, algas e frescor mineral. Peguei meu caderno.

— Isso é interessante.

— O canal?

— A maneira como ele modifica o ar. Na outra parte do pomar, predominavam as cascas de frutas e a madeira seca. Aqui surge alguma coisa mais terrosa.

Lucjan sentou-se sobre o muro.

— Quando eu era criança, meu avô dizia que era aqui que o pomar respirava.

Olhei para ele.

— Não me lembro de você ter contado isso.

— Não contei tudo a você naquela época.

Ele falou com naturalidade, sem tentar atribuir um segundo significado às palavras. Mesmo assim, durante alguns instantes, tive dificuldade para voltar às minhas anotações.

Continuamos caminhando até chegar a um pequeno reservatório de água. Ao lado dele crescia uma árvore de tronco extraordinariamente grosso. Seus galhos se